

O UNIVERSO CONCENTRACIONÁRIO

DAVID ROUSSET

TRADUÇÃO E PREFÁCIO JOÃO TIAGO PROENÇA

ANTÍGONA

I

AS PORTAS ABREM-SE E FECHAM-SE

A grande cidade isolada de Buchenwald; uma pequena vila turística nas margens do Weser, Porta Westphalica, com colinas escavadas ao longo do rio e fábricas que demoradamente se estendem sob o mundo das raízes e das árvores; Neuengamme na perspectiva desorganizada de Hamburgo, estaleiros que se multiplicam e se vão espalhando, construídos em redor do canal e do seu porto (Klinker, Metallwerk, Industrie, Messap); Helmstedt: barracas dispostas em círculos e camufladas com a sua supuração de imundices, a céu aberto, pilhas de caixas de bombas e torpedos, campos de trigo e mostarda, e, no prado, a alta silhueta negra dos poços; quinhentos metros sob a terra, a sumptuosa disposição dos tornos e das fresadoras na explosão policroma dos blocos de sal; vagões a esmo nas linhas destruídas para lá das pedras mortas nos espaços vazios da fome, rasgados de instante a instante por apelos da guerra que se aproxima e nunca mais chega; como uma úlcera na floresta, o acampamento de Wöbbelin nas imediações de Ludwigslust, esqueleto esventrado dos muros, e, na greda, os excrementos secos ao lado de cadáveres em decomposição: longo caminho de dezasseis meses, matéria a experimentar.

Havia ali homens de todos os povos, de todas as convicções, quando o vento e a neve esbofeteavam os ombros, gelavam os ventres ao som dos ritmos militares, estridentes como uma blasfémia estilhaçada e trocista, sob os holofotes, cegos, na Grande Praça das noites geladas de Buchenwald; homens sem convicções, macilentos e violentos; homens carregados de crenças destruídas, de dignidades desfeitas; todo um povo nu, interiormente nu, destituído de toda a cultura, de toda a civilização, armado de pás e enxadas, de picaretas e martelos, agrilhado às vagonetas enferrujadas, ao escavador de sal, ao limpador de neve, à máquina de fazer betão; um povo moído de pancada, obcecado por paraísos de virtualhas esquecidas; ferida íntima das degradações — todo este povo no decorrer do tempo.

E, numa fantástica ampliação de sombra, os grotescos, ventre hiante de um riso desarticulado: obstinação caricatural de viver.

Os campos são de inspiração ubuesca. Buchenwald vive sob o signo de um enorme humor, de uma palhaçada trágica. Ao romper do dia, os cais irreais sob a crueza neutra dos *sunlights*, os S.S. de botas, de *Gummi* em punho, licenciosos; os cães a ladrar, tensos, sob a trela frouxa e lassa; os homens acorados para saltar dos vagões, cegos dos golpes que os apanhavam na armadilha, recuam e chocam uns com os outros, empurram-se, levantam-se, tombam, cambaleiam, de pés nus na neve suja, pegajosos de medo, a morrer de sede, gestos alucinados e rígidos de bonecos de corda partida. E, sem transição, os S.S. na trápola, grandes salas claras, linhas bem traçadas, funcionários presos satisfeitos, correctos, com fichas, números, uma indiferença apaziguadora; alinhamentos rigorosos, em parada militar, tosquiadoras eléctricas que desnudam os corpos estupefactos, em cadeia, precisas, implacáveis como um

jogo matemático; uma banheira obrigatória, um banho de crisol viscoso e negro que cresta as pálpebras; duches revigorantes onde os fantoches se congratulam com satisfações ingénuas e magníficas; caravanas sinuosas ao longo dos corredores estreitos que parecem nunca mais querer acabar; e a descoberta de imensos espaços: linhas paralelas de balcões com toda uma tralha de roupa usada, criações tardias de alfaiates ébrios e assassinos, físgadas de passagem, rapidamente, sempre rapidamente: as Galeries Lafayette de uma Cour des Miracles. E ainda repartições cada vez mais apinhadas de funcionários, detidos impeccáveis e atarefados, rostos cinzentos e sérios, saídos de um universo kafkiano, que perguntam educadamente o nome e a morada da pessoa que deverá ser avisada em caso de morte, e tudo é anotado muito cuidadosamente em fichas preparadas de antemão.

O rebanho comprime-se na lama entre altas fachadas cegas que pesam sobre a noite. Torcem-se tornozelos em tamancos rasos. As paredes transudam luz e adquirem dimensões descomunais. Os grupos empurram-se e dirigem-se às apalpadelas para os *Blocks*. Numa hora divertida, o homem deixou lá a sua pele. Funcionários pontuais recor-taram sem medida o seu ser de concentracionário. A quar-tena deverá condicionar os seus reflexos.

Todas as noites, na vala entre dois *Blocks*, os homens quedos e mudos, neve por todo o lado, e, do cimo da escada de pedra, a mesma voz monótona a cair sobre eles: «Escutai, franceses...» A voz arrastada, igual, molda incansavelmente os cérebros e os nervos. «Não estais aqui num sanatório, mas num campo de concentração». A repetição pontua as frases, espectro por detrás das injunções, sentinela das obediências requeridas, o papão tentacular: o «Krematorium». As cabeças rapadas vacilam há alguns dias, cons-

cientes apenas de terem perdido um mundo que deveria ser único e que se esconde, sem dúvida, para lá dos espaços vazios sem horizontes, atravessados por carris esventrados.

Os que chegam são vacinados. A ordem veio muito cedo, e pela terceira vez. Os *Häftlinge* estão acantonados no dormitório e nus há já uma hora, na obstinação de uma corrente de ar. As rachadelas dos vidros dão para o planeta gelado: o mundo buchenwaldiano, cercado pela neve e pelos tufões, com, para lá das torres de vigia, encostas de abetos cobertas de neve como postais de Natal. Com grandes palmadas nas costas, os detidos lutam contra o frio. A porta do refeitório abre-se como que impelida por uma rajada de vento com três enfermeiros que se precipitam, manequins cômicos e agitados, empurrando as mesas desertas. O primeiro ao acaso deixa uma cicatriz amarela no braço, o segundo pica, pica, pica como uma broca mecânica. Trabalho à peça e rapidamente, muito rapidamente acabado. Nunca a agulha foi esterilizada.

Nada de trabalho em quarentena, de corveias: a aprendizagem que deve despedaçar os músculos à voz dos comandos. Perfilam-se longas teorias acerca das alturas da pedreira, cratera aberta à frente da região. O vento sopra obstinado nos seus flancos e ganha fúria num outro que renasce sem cessar. Alcançados através de uma grande espessura de vidro, a incomensuráveis distâncias, num outro sistema planetário, rola um comboio, vilarejos esparsos nas colinas e fumos numa espécie de névoa cinzenta, e florestas, e as manchas claras dos campos que tremem como sob uma água profunda. Insultos e gritos na solidão. Os homens chafurdam e escorregam nos charcos de lama. Escolher uma pedra com o melhor aspecto e menos pesada e regressar ao campo, assim, em bicha, a esgotar as horas lentas.

Silhuetas negras e pequenas na orla da planície, curvadas sob as rajadas de neve que ora as escondem, ora as descobrem, os homens levam, arrastam, empurram caixas, barris, carrinhos de mão de merda. A merda é bombeada para grandes tanques e espalhada nos jardins dos S.S., a quatrocentos metros dali. O caminho é uma vereda estreita, acidentada e gelada, onde os pés derrapam. Os músculos estão retesados de fadiga. Os rostos e as mãos, queimados de frio. Os *Vorarbeiter* uivam e batem. Sem tréguas, deportadas pelas borrascas, as colunas cruzam-se doze horas de enfiada.